



MICHELI CAMPOS FILIPINI


Imigração de venezuelanos em Chapecó- SC: Índícios de manutenção e substituição do espanhol a partir de crenças e atitudes.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.


Orientador prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 11/12/2025.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 MARCELO JACO KRUG
Data: 17/12/2025 17:52:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Orientador prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Documento assinado digitalmente
 JUSSARA MARIA HABEL
Data: 15/12/2025 22:41:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Coorientadora Dra. Jussara Maria Habel. (UFFS)

Documento assinado digitalmente
 ALINE PEIXOTO GRAVINA
Data: 16/12/2025 14:01:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Aline Gravina. (UFFS)

Documento assinado digitalmente
 ELENA WENDLING RUSCHEINSKY
Data: 15/12/2025 22:03:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Me. Elena Wendling Ruscheinsky. (UFFS)

Imigração de venezuelanos em Chapecó-SC: Índícios de manutenção e substituição do espanhol a partir de crenças e atitudes.¹

Micheli Campos Filipini²

mcamposfilipini@gmail.com

RESUMO: O tema deste estudo busca investigar o contato linguístico português/espanhol dos imigrantes venezuelanos em Chapecó-SC e possíveis indícios de manutenção e substituição linguística a partir de atitudes e crenças. Com base nesse contexto, buscou-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: Em que medida o contato linguístico português–espanhol, associado a práticas de preconceito linguístico, afeta a manutenção da língua materna entre imigrantes venezuelanos em Chapecó (SC)? Para encontrar possíveis respostas para essa pergunta, o objetivo geral busca descrever o contato linguístico português/espanhol a partir das crenças e atitudes de imigrantes venezuelanos em Chapecó. Os objetivos específicos são: 1. Identificar por meio de questões selecionadas de um questionário de Oviedo (2023) as crenças e as atitudes dos venezuelanos em relação ao português e ao espanhol; 2. Descrever as crenças e atitudes dos participantes a partir das dimensões diageracional, diassexual e diastrática; 3. Apresentar e discutir, com base nas análises, os resultados obtidos em nossa pesquisa. A metodologia segue o modelo teórico-metodológico da Dialetoleologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1996, 1998, 2010) que também foi adotada por Oviedo (2023) ao coletar dados linguísticos em Chapecó. Desses dados, selecionamos 8 perguntas para a presente análise, com foco especialmente nas dimensões diassexual (homens e mulheres), diageracional (GII e GI) e diastrática (Ca e Cb). Os principais resultados apontam que os venezuelanos, principalmente a geração mais velha (GII) e as mulheres, mantêm mais a sua língua de origem, o espanhol, enquanto os jovens (GI) e homens tendem a aderir mais ao português. As atitudes tanto da parte dos brasileiros, aqui chapecoenses, quanto dos venezuelanos entrevistados resultaram em crenças que foram construídas por ambas as partes. Por fim, este estudo busca contribuir para futuras pesquisas abrindo caminho para contribuições linguísticas e pedagógicas, sobretudo para a formação de profissionais qualificados para auxiliar imigrantes em processos de integração social e cultural de forma mais harmoniosa.

Palavras-Chave: Atitudes e Crenças; Contato Linguístico e Bilinguismo; Manutenção e Substituição Linguística; Imigração Venezuelana.

Introdução

O presente trabalho de pesquisa investiga o contato linguístico português/espanhol dos imigrantes venezuelanos em Chapecó – SC. Para isso, foram levantadas questões, por Oviedo (2023), que envolvem crenças e atitudes linguísticas decorrentes desse contato, e que são estimuladas perante a comunicação em contextos de uso do espanhol. A partir disso, buscamos entender a dinâmica linguística e social gerada pelo contato do espanhol e do português nesse cenário de imigração recente. Nesse sentido, nossa principal pergunta de

1 Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug e a coorientadora Dra. Jussara Maria Habel.

2 Acadêmica da 9º fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

pesquisa é: Quais fatores sociolinguísticos, em especial o preconceito linguístico, contribuem para a substituição da língua materna pelo português entre imigrantes venezuelanos residentes em Chapecó (SC)? Visto que falamos de uma imigração urbana, diferente da imigração alemã e italiana do século XIX, estima-se que a acomodação seja mais rápida, dependendo apenas do fluxo contínuo de imigrantes que virá para a região e da intensidade de contato deles com os familiares que ficaram em seu país de origem.

A pergunta de pesquisa deste estudo busca compreender de que maneira é possível colaborar para minimizar efeitos de preconceito linguístico envolvendo falantes de espanhol em contato com falantes de português, a partir da análise de suas crenças e atitudes linguísticas. Para Bagno (1999), o preconceito linguístico é a discriminação social exercida por meio da desqualificação de variedades linguísticas que não coincidem com o que se considera “correto” e mais padronizado, tomando-se a variedade oficial de uma língua como único modelo legítimo e atribuindo-se juízos de valor negativos aos falantes de outras variedades linguísticas.

A hipótese que lançamos é que exista uma perda e, ao mesmo tempo, aconteça uma adaptação do espanhol ao português pelos imigrantes venezuelanos, ou seja, uma acomodação linguística precedendo variação e posterior mudança linguística.

O objetivo geral deste estudo é descrever o contato linguístico português/espanhol a partir das crenças e atitudes de imigrantes venezuelanos em Chapecó, SC. Para alcançar esse objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos.

- 1- Identificar por meio de questões selecionadas do questionário de Oviedo (2023) as crenças e as atitudes dos venezuelanos em relação ao português e ao espanhol;
- 2- Descrever as crenças e atitudes dos participantes a partir das dimensões diageracional, diassexual e diastrática;
- 3- Apresentar e discutir, com base nas análises, os resultados obtidos em nossa pesquisa.

Com base nesses objetivos, em observações preliminares de interação nos contextos sociais e na literatura sobre crenças e atitudes linguísticas, este estudo trabalha com as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Partimos do pressuposto de que os imigrantes venezuelanos tendem a valorizar a aprendizagem do português como estratégia de integração social, contudo, podem apresentar atitudes que fragilizam a manutenção do espanhol.

Hipótese 2: Pressupõe-se que a geração mais velha apresente maior tendência à manutenção do espanhol, enquanto a geração mais jovem demonstre acomodação ao português. Da mesma forma, consideramos que as mulheres mantenham mais o espanhol enquanto que os homens adotem mais o português. Conforme Labov (2008) nossa pesquisa parte da variação geracional ou seja, dos jovens até os mais velhos, percebendo com o passar das gerações como pode afetar linguisticamente e a diasssexual diz respeito ao sexo dos informantes aqui homens e mulheres. No que se refere à dimensão diastrática, partimos do pressuposto de que tanto os entrevistados da classe social mais alta quanto da classe baixa tendem a manter o espanhol nos círculos familiares, enquanto, nas interações com a comunidade brasileira tendem a utilizar predominantemente o português.

Hipótese 3: Pressupomos que os participantes com menor grau de instrução, mais jovem e do sexo masculino, tendem a utilizar mais o português em suas interações para acelerar a inserção no mercado de trabalho. A interação em espanhol permanece predominantemente restrita aos contextos familiares e às interações entre os imigrantes.

A pesquisa parte de estudos do contato linguístico, entendendo a língua como um fenômeno social dinâmico, influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Com base no histórico da imigração, o contexto social em que os imigrantes se encontram inseridos em Chapecó, pressupõe que a necessidade de aprender a língua portuguesa se torne uma questão de sobrevivência e resistência, pois sem o domínio do português fica muito mais difícil a comunicação entre brasileiros e venezuelanos. Vale destacar que o contrário dificilmente acontece, pois raramente um brasileiro se dispõe a aprender o espanhol dos imigrantes para facilitar a comunicação. Nesse sentido, as atitudes tanto da parte dos brasileiros aqui, especificamente dos chapecoenses quanto as dos venezuelanos revelam-se, de certa forma, atreladas a crenças que foram construídas por ambos os grupos. Com base nisso, não podemos descartar um linguicismo por parte dos brasileiros e um linguicídio por parte dos venezuelanos. Conforme aponta Skutnabb-Kangas (2019), tais processos dizem respeito a formas de pensar o uso da linguagem em determinados grupos sociais, as quais podem favorecer ou limitar o reconhecimento social de uma língua. Em contextos estruturais e institucionais, como o mercado de trabalho e as redes de ensino, que privilegiam exclusivamente a língua oficial, essas dinâmicas tendem a desfavorecer a língua de origem. Dessa forma, Skutnabb-Kangas (2019) apresenta três tipos de linguicismo: o “linguicismo ideológico” mostra o preconceito pelo fato de achar que existe uma forma “correta” de interagir. Já o “linguicismo educacional” aponta para uma forma de falar dada pelos sistemas

de instrução, exemplo em faculdades que ensinam através das normas, excluindo manifestações da língua materna. Além disso, existe o “linguicismo interpessoal” que é dado pelas interações informais, sendo estigmatizados pelo seu sotaque local, o que pode levar a uma desqualificação dessa forma de interagir. Assim, podemos observar a ocorrência de vários tipos de linguicídios, isto é, a “morte da língua”.

O contato linguístico em Chapecó é bastante recente, em comparação com o contato linguístico entre descendentes de italianos e alemães que convivem na região oeste catarinense desde o início do século XIX (Krug e Horst, 2020). Com esse histórico, são muitas as crenças e atitudes que se construíram em torno dos falantes de língua estrangeira no Brasil. Nesse sentido, nossa intenção de estudar questões que envolvem crenças e atitudes linguísticas na fala de imigrantes venezuelanos em território chapecoense, visa descrever preconceitos linguísticos sofridos por parte dos imigrantes que colonizaram a região. Esse histórico reforça a importância em conscientizar a população sobre a existência de discriminação linguística e de alertá-la quanto à relevância da manutenção da língua de origem, o espanhol.

A metodologia adotada fundamenta-se na teoria e na abordagem pluridimensional e relacional de Thun (1996, 1998, 2010) e tem como propósito analisar dados linguísticos do contato entre o espanhol e o português no município de Chapecó – SC. A partir dessa metodologia e da análise de dados, descrevemos razões sociais, culturais e psicológicas que desencadeiam essas atitudes e determinam quais circunstâncias provocam variações e mudanças no uso da língua. Assim, acreditamos que esta investigação poderá contribuir com o desenvolvimento de novos estudos linguísticos e pedagógicos com foco na formação de profissionais mais qualificados para atender às principais necessidades que as migrações recentes demandam, por exemplo, nas áreas educacionais e culturais. Essa perspectiva dialoga com Walsh (2019), que defende a construção de uma sociedade mais justa e acolhedora, levando em conta a inclusão de todas as raças.

O presente trabalho justifica-se pela escassez de estudos realizados nessa área, principalmente envolvendo o contato linguístico português/espanhol na cidade de Chapecó. As crenças e atitudes linguísticas, muitas vezes, responsáveis por desencadear preconceitos, podem favorecer o abandono de uma língua em detrimento da outra. Além disso, o presente estudo também poderá servir de base para outras pesquisas que possam complementar e trazer soluções tanto para o ambiente escolar, quanto para ambientes comunitários.

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em seções que articulam teoria, método e análise. Inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica, abordando o contato linguístico e o bilinguismo, a manutenção e substituição linguística e as crenças e atitudes linguísticas. Em seguida, descreve-se a metodologia adotada e procede-se à análise dos dados. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais resultados da pesquisa.

1. Referencial teórico

O presente referencial teórico tem por objetivo fundamentar a análise do contato linguístico entre o espanhol e o português no contexto da imigração venezuelana em Chapecó-SC, com especial atenção aos processos de manutenção e substituição linguística, bem como às crenças e atitudes linguísticas dos falantes. Para tanto, esta seção organiza-se em três eixos teóricos complementares: 1) contato linguístico e bilinguismo; 2) manutenção e substituição linguística; e 3) crenças e atitudes linguísticas, os quais permitem compreender a dinâmica sociolinguística vivenciada pelos imigrantes venezuelanos no contexto investigado.

1.1 Contato linguístico e bilinguismo (em Chapecó)

De acordo com Oviedo (2023), a imigração venezuelana para o Brasil intensificou-se a partir de 2012, impulsionada por crises sociais, políticas e econômicas na Venezuela. Nesse contexto, Chapecó tornou-se um destino atrativo por suas oportunidades de emprego e acolhimento. Com isso, o contato linguístico entre o espanhol, língua oficial dos venezuelanos, e o português, língua oficial no Brasil, revela um cenário sociolinguístico de profundas transformações. A compreensão das interações linguísticas permite refletir sobre processos de integração, exclusão e identidade cultural do imigrante no município. Ademais, percebemos que a maioria dos imigrantes que chegaram em Chapecó é composta por adultos, de diversos níveis de escolaridade e experiências profissionais, o que acrescenta novas camadas de complexidade a esse contexto sociolinguístico.

É visível o crescente número de imigrantes em nosso meio, segundo Oviedo (2023), quando já iniciou, por exemplo, a imigração haitiana no Brasil. Da mesma forma, após 2017, depois dos acontecimentos políticos e econômicos do nosso país vizinho, a Venezuela, foi possível notar um crescimento da imigração deste país para o nosso e, conseqüentemente, houve um aumento de falantes de espanhol nas escolas públicas e, até mesmo, ocupando postos de trabalho no comércio e em grandes empresas, como nos frigoríficos.³ Com este

³ Ver mais informações em: <https://auroracoop.com.br/refugiados-venezuelanos-acolhidos-em-chapeco/> .

aumento, também houve um crescimento de questões que envolvem desde o uso da língua até questões culturais, que impactam diretamente em questões de preconceito e estigma quanto ao uso de uma ou outra variedade linguística.

A vinda dos imigrantes venezuelanos para o Brasil não só mobiliza as questões sociais e culturais de uma cidade, como também exige adaptações e inovações, principalmente no que diz respeito aos meios e técnicas de ensino e aprendizagem nas escolas que recebem um número significativo de crianças e jovens que, muitas vezes, não conseguem se comunicar em português. Os professores também não estavam preparados para receber um número tão grande de alunos que se comunicam majoritariamente em espanhol. Além disso, questões de diversidade linguística são, muitas vezes, confundidas com “erros”. Segundo Bagno (1999), o preconceito linguístico inibe as crianças de continuar falando as duas línguas, formando um prejuízo linguístico enorme.

Em Chapecó, o espanhol é uma língua minoritária em relação ao português, e o aprendizado do português torna-se crucial, inclusive como questão de sobrevivência, em um território em que o monolinguismo impera, conforme Horst e Krug (2020). Diante desse cenário, estudos que nos indiquem os rumos desse contato, podem auxiliar no planejamento linguístico e prevenir futuros conflitos.

O contato linguístico constitui um dos principais objetos de investigação da Sociolinguística, especialmente em contextos caracterizados por fluxos migratórios. Nessas situações, a coexistência de línguas distintas em um mesmo espaço social dá origem a práticas comunicativas plurais, frequentemente denominado bilinguismo. Entretanto, longe de representar uma condição homogênea ou estática, o esse bilinguismo manifesta-se de formas diversas, condicionadas especialmente por fatores sociais e culturais. Nesse sentido, a compreensão do contato linguístico português–espanhol em Chapecó (SC) exige uma definição de bilinguismo que considere as práticas reais dos falantes. Para a compreensão do bilinguismo enquanto fenômeno sociolinguístico, este trabalho adota a perspectiva proposta por Romaine (1995, p. 22), que problematiza definições simplificadoras e defende o bilinguismo como um conceito multifacetado e interdisciplinar. Segundo a autora, o bilinguismo não deve ser entendido como a competência equilibrada em duas línguas, mas como um conjunto de práticas linguísticas que variam de acordo com o contexto social, os domínios de uso e as experiências individuais dos falantes. Logo, não podemos definir um

bilíngue como um falante que conhece duas línguas fluentemente nas modalidades de leitura, escrita e oralidade.

1.2 Manutenção e substituição linguística

Conforme Oviedo (2023), muitos imigrantes sofrem com discriminação e enfrentam desafios culturais e linguísticos. Tais desafios influenciam diretamente na manutenção ou substituição da sua língua materna, inclusive em contextos socioculturais como, por exemplo, no local em que moram ou trabalham. Ou seja, por questões de preconceito sofrido, deixam de falar sua língua materna quando em contato com brasileiros e passam a utilizá-la somente em pequenos grupos como no convívio familiar ou entre amigos, falando espanhol prioritariamente nesses contextos. Ao pesquisar tais fatores linguísticos, podemos colaborar com a elaboração de materiais didáticos específicos que tratem dessas questões, envolvendo estudantes bilíngues, filhos de imigrantes venezuelanos que se encontram nas salas de aula.

Horst e Krug (2020) enfatizam o valor da família na manutenção de uma língua estrangeira entre os filhos, pois se a sociedade é primordialmente monolíngue, resta o esforço persistente da família na manutenção da variedade de imigração. O contato com o português e a necessidade de se adaptar ao novo mundo monolíngue fazem com que muitas famílias abandonem a língua de origem para não sofrer o preconceito e para não serem excluídos. Essa mudança para a língua portuguesa é muito mais perceptível entre as gerações mais jovens, que estão em fase escolar, ou seja, nossas escolas são “monolingualizadoras” e não estão preparadas para receber um público que não fala a língua portuguesa. Já nas gerações mais velhas, o espanhol apresenta mais chances de se manter paralelamente ao português.

Krug (2004) relata que, de certa forma, o prestígio de uma língua que existe dentro de uma comunidade vai ter: poder econômico, social e cultural, pois ninguém quer dominar uma língua sem valor agregado. Esta é uma das motivações que fazem com que os imigrantes não apenas aprendam rapidamente a língua portuguesa, como também abandonem a língua do seu país de origem. Afinal, ninguém gosta de ser visto como “diferente”, principalmente quando se é estrangeiro.

1.3 Crenças e atitudes linguísticas

As atitudes linguísticas constituem um conceito complexo, formado por diferentes dimensões que orientam a percepção, a avaliação e o comportamento dos falantes em relação

às línguas. Ao discutir a estrutura interna das atitudes, Kaufmann (2011, p. 122) destaca a existência de três componentes fundamentais:

Com relação à estrutura interna de atitudes, distinguem-se, tradicionalmente, três componentes: a componente cognitiva, refletindo convicções e crenças sobre o objeto da atitude; a componente afetiva, considerando a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude; e a componente conativa, na qual “crenças e valores emocionais relevantes são transformados em intenções comportamentais mais ou menos específicas.” (Kaufmann, 2011, p. 122).

A partir dessa definição, observa-se que as atitudes linguísticas envolvem não apenas crenças sobre as línguas, mas também avaliações afetivas e disposições para a ação, elementos fundamentais para compreender as escolhas linguísticas dos imigrantes venezuelanos em Chapecó.

Ainda de acordo com Kaufmann (2011), não faz sentido correlacionar atitudes gerais a um comportamento específico, pois uma atitude geral perante um grupo não determina necessariamente o comportamento individual específico em relação a membros desse grupo. As atitudes linguísticas, embora não sejam fatores causais diretos, atuam como mediadoras dos comportamentos linguísticos e são indicadores dos processos sociolinguísticos de manutenção e substituição em curso na sociedade. Por exemplo, se uma família decide por questões particulares não falar determinada língua, isso não significa que todas as outras famílias tenham que fazer o mesmo, no entanto, não podemos generalizar, mas nos dão indícios de uma possível variação ou mudança. A relação entre crenças, atitudes e ações é vista como interativa e complexa. As ações podem, inclusive, gerar novas crenças ou influenciar mudanças nas crenças existentes.

Berniere (2017) mostra como as línguas são marcadas por crenças e preconceitos sociais que revelam mecanismos de apagamento e acomodação das línguas de imigração. Nesse sentido, a autora vai abordar as crenças e atitudes na comunidade alemã e italiana em SC. Isso nos levará a crenças ,ou seja como pensamos como as línguas são vistas, “boas” ou “ruins” , o que nos revela também as atitudes entre o contato com a língua de imigração que é menor e se vai ser mantida ou substituída em contato com a língua portuguesa.

Da mesma forma, podemos observar em Matozo (2018), como as crenças e atitudes podem influenciar a variedade de imigração no contato com a língua portuguesa e moldar um ambiente único, mas por outro lado, pode levar a uma desvalorização da variedade minoritária ao ponto desta entrar em desuso. Comparando com o conceito trazido por Kaufmann (2011), é

a sociedade que vai definir o caminho da variação e da mudança, nunca um único sujeito. Será a partir do contato com o português, da intensidade desse contato e do preconceito gerado por parte dos brasileiros que irão fortalecer ou não as crenças e atitudes dos imigrantes venezuelanos em Chapecó.

2. Metodologia

A metodologia qualitativa adotada neste estudo busca apresentar reflexões fundamentadas em dados concretos, obtidos a partir das respostas e opiniões dos participantes. Para isso, o presente estudo segue a abordagem qualitativa e descritiva, orientada pela Metodologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1996, 1998, 2010), que tem como propósito, analisar e comparar dados linguísticos do contato entre o espanhol e o português na cidade de Chapecó – SC.

Os dados linguísticos serão comparados a partir das dimensões diageracional, diassexual e diastrática. No presente estudo, seguimos Oviedo (2023), em que a dimensão diageracional é formada pela geração jovem (GI), com a idade de 18 até 36 anos, e geração mais velha (GII), com idade a partir de 36 anos. Na dimensão diassexual, a análise se dá a partir do sexo, formada por 4 participantes homens e 4 mulheres, obtendo um total de 8 participantes. Por fim, na dimensão diastrática, a análise se dará a partir da classe socioculturalmente alta (Ca) do participante, com ensino superior completo ou em andamento, a classe baixa (Cb), analfabetos até o ensino médio.

Os dados foram obtidos a partir de um recorte do questionário aplicado pela estudante Liliana Benitez Oviedo entre 2022 e 2023. A análise do presente estudo foi formada pelas respostas de 8 perguntas, que não tinham sido analisadas por Oviedo (2023) para a sua dissertação de mestrado. No entanto, as questões não analisadas pela autora são 10, 11, 13, 14, 15, 16 a., 35, 44. Começamos pesquisando quais são os momentos que a língua portuguesa majoritariamente é utilizada pelos imigrantes na questão 10: Existe algum momento em que deixam de falar a língua de vocês e só falam o português?, seguindo podemos observar as atitudes, se os brasileiros têm vontade de aprender a língua espanhola e se há incentivo na questão 11: Os brasileiros também aprendem a língua de vocês? Por quê?, continuando, na terceira questão vai mostrar como os imigrantes venezuelanos se sentem morando em Chapecó, se o sentimento é de pertencimento em contato com outra cultura e língua como mostra a questão 13: Você já se sente brasileiro? Por quê?, na quarta pergunta, podemos ver como as instituições, exemplo aqui da igreja, como seu papel pode levar a manutenção e se há

incentivo para uso da língua nos encontros na questão 14: Você vai à igreja? Qual? Que língua é usada na igreja? O pastor fala a língua de vocês? Incentiva ou pede para falar o português?, na quinta e sexta pergunta vai mostrar estão passando para seus filhos, futuras gerações a língua, o que leva ao encontro de manter ou não a língua na questão 15. Que língua costuma falar com os filhos?, 16. a) Você pretende manter o espanhol com eles (filhos)?, na penúltima pergunta percebemos quais são os fatores de misturar a língua no momento em que os imigrantes estão falando na questão 35. Quando fala português, você mistura com outra língua? Se sim, o que você mistura e por quê?, na última compreendemos como o contato com as duas línguas pode afetar, na forma como vejo a outra língua, perante as atitudes na questão 44. Você(s) acha(m) que os falantes que só falam português têm inveja dos que falam mais de uma língua? Por quê? (só para informantes bilíngues) (Margotti, 2004).

A pesquisa passou pelo comitê de ética sob número do CAEE 59116422.5.0000.5564 e o material coletado está disponível no banco de dados do ALCF (ver mais sobre o Projeto ALCF em Horst e Krug (2021)).⁴

Para facilitar a análise de dados, utilizamos o esquema em formato de cruz (Thun, 1996, 1998, 2010), como apresentaremos na seção 3. Na parte superior da cruz, tem-se o registro dos participantes da classe alta (Ca) e na parte inferior, a classe considerada baixa (Cb), representando assim, a dimensão diastrática. No lado esquerdo da cruz, registra-se os participantes mais velhos (GII) e no lado direito, os participantes jovens (GI), formando a dimensão diageracional. Como as entrevistas são realizadas em duplas (1 homem e 1 mulher), tem-se pela dimensão diassexual um total de 4 homens e 4 mulheres por ponto de pesquisa.

3. Análise dos dados

Para a descrição e análise dos dados, seguiremos a seguinte ordem: inicialmente serão descritos os dados, levando em consideração a dimensão diageracional (GII e GI), após a diassexual (homem e mulher) e, por fim, a diastrática (Ca e Cb). Ao final da análise dessas três dimensões, faremos a relação entre os resultados encontrados.

Dentre as (8) perguntas que analisamos, iniciaremos com a pergunta 10, conforme está registrado no questionário de Oviedo (2023) e Krug (2004), passando para as de número 11, 13, 14, 15, 16 a., 35 e 44.

⁴ Ver mais sobre o Projeto ALCF em: <https://books.scielo.org/id/9kyp5/pdf/snichelotto-9786586545449-07.pdf>. Acesso em 14 dez. 2025.

Ao questionar os participantes de pesquisa se em algum momento deixam de falar a língua de imigração, (pergunta 10) podemos perceber que a Ca não deixa de falar o espanhol, enquanto que a CbGII usa mais a Língua Portuguesa (LP) na comunidade enquanto que falam o espanhol mais entre amigos e familiares venezuelanos. No quadro 1, podemos ver que a participante CbGII-Mulher e a CbGI - Mulher, dizem falar mais espanhol, porque a primeira não fala a LP e a segunda acredita que ainda fala mais espanhol e que somente no trabalho fala a LP. Da mesma forma, o homem diz utilizar mais o português no trabalho, por não ter venezuelanos. Ele complementa ter aprendido mais rápido a LP, por estar em um ambiente majoritariamente monolíngue em português.

“Me quedo callada porque, no falo portugués [...] como no sé, tengo que quedarme callada.” (CbGII-Mulher).

“en el trabajo [...] yo ya trabaje [...] donde no había ningún venezolano [...] no tenía con quien hablar español, solo portugués, medio de eso que yo aprendí más rápido.” (CbGII-Homem).

Já o participante da CaGII-Homem, utiliza mais a língua portuguesa no trabalho, a mulher diz utilizar além do trabalho para falar ao telefone, algumas amizades que também fez em outras regiões como Manaus e Joinville: “(...) cuando nos liga por teléfono, por lo menos nos liga el banco, tenemos que hablar portugués, cuando nos liga de la luz, el portugués, cuando nos liga del condominio, el portugués [...]”. Os participantes da CaGI-Homem e mulher dizem utilizar o espanhol na rua, pois no trabalho todos são brasileiros, tendo que falar o português, mas nunca deixariam de falar a sua língua materna.

Quadro 1: Pergunta 10: Existe algum momento em que deixam de falar a língua de vocês e só falam o português? (Krug 2004).

Masculino		Feminino	
CaGII ●	CaGI ●	CaGII ●	CaGI ●
CbGII ●	CbGI ●	CbGII ●	CbGI ●

LEGENDA:
 ● Sim
 ○ Não

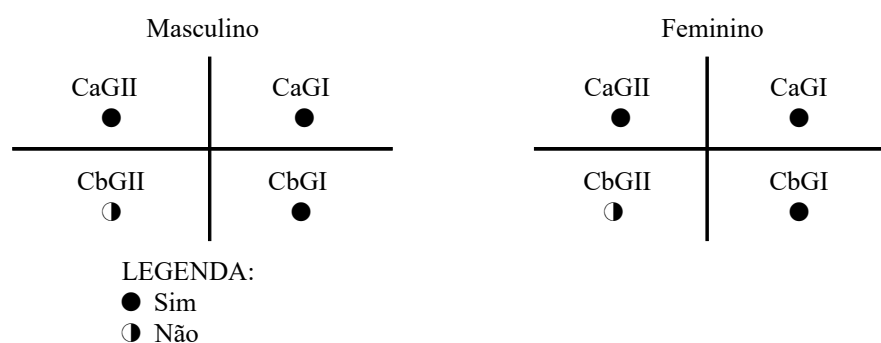
Fonte: Filipini (2025)

Os dados no quadro 1 apontam que somente a CbGII e CbGI - Mulher, não deixam de falar sua língua de origem, ou seja, o espanhol, para falar somente o português. Os demais participantes alegam utilizar a LP no trabalho, na rua e quando recebem ligações de estranhos.

Nos demais momentos, principalmente entre os seus, utilizam majoritariamente o espanhol. A partir dos dados coletados, é possível perceber, que a CbGII, geração mais velha a partir dos 36 anos, deixa de falar o espanhol, no entanto, vale ressaltar que o ambiente em que estão inseridos é propício ao uso da LP, isto é, em ambientes de trabalho, nas lojas e na rua com brasileiros.

Passando para a pergunta 11, no quadro 2, “Se os brasileiros também aprendem a língua de imigração?”, foi possível perceber que a mulher e o homem da CbGII afirmam o interesse e a curiosidade por parte dos brasileiros em aprender o espanhol, fazendo perguntas de como falar algumas palavras. A CbGI-Mulher afirmou que os brasileiros fazem perguntas sobre como se pronuncia determinadas palavras. Já o homem só falou que os brasileiros têm interesse em aprender o espanhol.

Quadro 2: Pergunta 11: Os brasileiros também aprendem a língua de vocês? Por quê?



Fonte: Filipini (2025)

A partir dos dados apresentados no quadro 2, é possível perceber nas respostas dos participantes, que a maioria dos imigrantes responderam que os brasileiros aprendem a língua espanhola, exceto a resposta da CbGII Mulher e CbGII Homem, que dizem que os brasileiros não se interessam em aprender a língua espanhola. Os demais participantes afirmam que os brasileiros querem aprender o espanhol, como por exemplo, os entrevistados da CbGII responderam que os brasileiros têm interesse por aprender o espanhol, principalmente em situações práticas do dia a dia. “*Si, porque ellos le preguntan mucha cosa a uno y uno le dice [...] ellos dicen “pasame la faca” faca no, es cutillo [...] después ellos dicen, pasame el cuchillo*” (CbGII-Homem). Com isso podemos ver uma mudança na postura de aprender a língua do outro. Não temos dados que nos mostrem esse interesse a partir da classe social mais baixa ou mais alta dos brasileiros, mas temos indícios de classe nos comentários. Vejamos, abaixo, a resposta do homem da CaGII:

“Sí, por la necesidad [...] de tener outro idioma em su saber, porque ellos también están entusiasmados, de latinoamérica el único país que habla outro idioma distinto al español, es Brasil [...]. Hay una necesidad del mismo brasilero, aprender el español, entonces cuando ellos te hablan “ah, tu eres venezolano, yo tuve em tal sitio em México [...] aprendí un poco, me puedes hablar un poquito español, para yo [...] aprender outra vez”. [...] él tenía la curiosidad de seguir aprendiendo al español. Así, pero si, hay una iniciativa de aprender el español, más ahora com esta inmigración [...]. La gente tiene necesidad de aprender vários idiomas, poder se comunicar.” (CaGII-Homem).

Nas respostas do casal mais jovem, ambos da CaGI, conforme vemos abaixo, falaram que os brasileiros buscam um jeito de falar em certos ambientes, mas a forma rápida de falar o espanhol acaba dificultando a compreensão. Assim os brasileiros acabam percebendo que precisam aprender a língua. Já a mulher diz que os brasileiros perguntam, eles repetem e tentam aprender.

“Sí, buscan una manera de hablar el español [...]Por ejemplo, estamos reuniendo entre brasileiros y venezolanos, pero llega un momento em que llega un venezolano entonces tú hablas esse español rápido y ellos quedan como “que le dijo”, [...] entienden la última palabra y entonces ellos tratan de sacar una conclusión, entonces dicen, no, yo tengo que aprender [...] ya está más atento.” (CaGI-Homem).

“Sí [...] Y algunas palabras la repiten, preguntan ¿Y qué significa eso ahí? Tú tienes que explicarle porque ya quiero aprender.” (CaGI-Mulher).

Os participantes das CaCII tanto o homem, quanto a mulher, apresentam uma resposta mais elaborada e afirmam que o Brasil é o único país da América Latina que não fala espanhol. Essa constatação, segundo eles, evidencia a necessidade de aprender outras línguas e, no contexto da imigração, fica explícito que falar mais de uma língua é um recurso valioso tanto para a inserção no mercado de trabalho quanto para o convívio social.

Na pergunta 13, do quadro 3, “Você já se sente brasileiro? Por quê?”, as respostas foram aleatórias, o que nos mostra que para alguns participantes existe um sentimento de pertencimento, enquanto que, para outros o sentimento de querer voltar está muito presente e que a cidade de Chapecó ou o Brasil é somente um lugar de passagem. As divergências nas respostas entre os entrevistados da CbGII, são um exemplo disso, enquanto o sentimento da mulher é de não pertencimento à cultura brasileira, o homem se diz brasileiro por estar morando aqui, se sentindo um cidadão que paga imposto, e que tem um trabalho que contribui com a estabilidade econômica do país, como podemos ver nos relatos abaixo.

“No me siento brasilera porque soy venezolana, no puedo sentirme brasilera porque uno es de outro país.” (CbGII-Mulher).

“Me siento sí, porque, aquí donde estoy pagando impuesto, aquí donde estoy comiendo, donde estoy viviendo, donde mi familia está estudiando, donde tengo un trabajo, que puedo decir que estoy estable em un trabajo económicamente [...] entonces ya eso, me hace parte [...] ahorita sí, me siento.” (CbGII-Homem).

Dentre os entrevistados da CbGI, tanto a mulher, quanto o homem, não se sentem brasileiros, porém a mulher se sente muito agradecida pela acolhida em Chapecó. E o homem diz gostar do Brasil, no entanto, sente a necessidade de aprender português, mas não tem vontade de voltar para seu país.

O que chama a atenção é o fato de a maioria dos entrevistados da Cb não ter criado o sentimento de pertencimento de ser brasileiro, principalmente as mulheres. Dizem gostar do Brasil, mas não se sentem brasileiras. Esse sentimento de não pertencimento à cultura brasileira, pode ser um indício de manutenção da língua espanhola. Enquanto os que se sentem brasileiros ou abasileirados, podemos supor um rápido abandono do espanhol, visto que, paralelamente, ao assumirem outra cultura, também podem substituir a língua do país de origem pela LP.

A entrevistada CaGII-Mulher diz que se sente brasileira pela questão do tempo de estar morando aqui e também quer se naturalizar. O homem, ao responder essa questão, relata ter deixado diversos bens na Venezuela, acrescentando que não sabe se sua casa e seus carros ainda permanecem intactos. Ela diz que talvez não volte, porque é aqui que escolheu ficar e ter seus filhos juntos e alguns que chegaram depois também, como podemos ver na fala dela: *“Mira me siento brasilera porque [...] Ya nosotros todos hemos decidido que vamos a quedar aquí, y aquí vamos erradicar. Aquí va ser la raíces de los hijos, todo ya, hasta ahí llego [...] vamos ser brasilero pue.”* (CaGII-Mulher).

Da mesma forma, o entrevistado masculino da CaGI diz se sentir 100% chapecoense porque está aprendendo muito da cultura brasileira e se sente integrado por se sentir imerso em outra cultura, mas, segundo ele, mesmo estando inserido na cultura brasileira, não vai perder a sua cultura de origem. E a CaGI-Mulher afirma que na prática não se sente brasileira, porém acaba conhecendo a cultura, o idioma, escrevendo e, com isso, adaptou-se para conviver no Brasil e isso a faz se sentir um pouco brasileira. Ela também admite que não vai perder sua cultura de origem: *“Prácticamente no me siento tan brasilera, más más que todo uno ya conoce la cultura, conoce más o menos del idioma, cómo se escribe y todo. Y uno ya comienza a adaptarse al modo de vivir se siento un poquito, pero no es [...] no pierde su*

cultura”, (CaGI-Mulher). Vejamos como se apresentam as respostas no quadro 3 referente à pergunta 13.

Quadro 3: Pergunta 13: Você já se sente brasileiro? Por quê?

Masculino		Feminino	
CaGII ●	CaGI ●	CaGII ●	CaGI ●
CbGII ●	CbGI ◐	CbGII ◐	CbGI ◐

LEGENDA:

- Sim, me sinto brasileiro
- ◐ Não, não me sinto brasileiro
- ◑ Me sinto os dois

Fonte: Filipini (2025)

Na sequência, a pergunta 14, quadro 4, coletamos dados sobre a religião: “Você vai à igreja? Qual? Que língua é usada na igreja? O pastor fala a língua de vocês? Incentiva ou pede para falar o português?” Uma exceção é a mulher da CbGII que se identifica como evangélica e frequenta uma igreja composta majoritariamente por venezuelanos, razão pela qual o espanhol é utilizado nas interações religiosas. A entrevistada também admite frequentar a igreja brasileira, porém diz não entender quando falam na hora da prece, conforme segue abaixo.

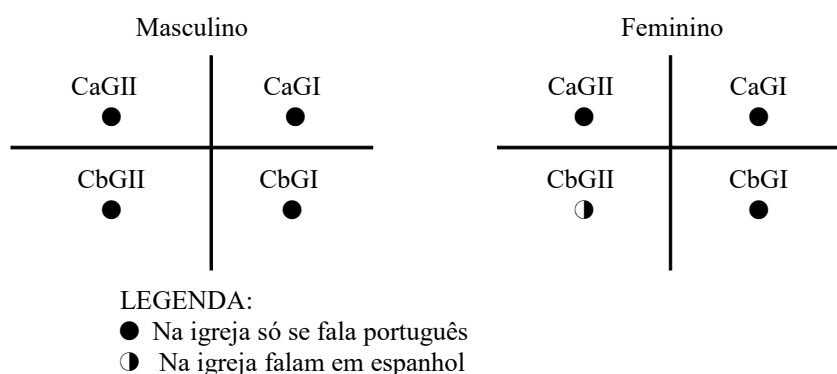
“Si, [...] cristiana evangélica, español porque todos somos españoles [...] esse es un grupo de venezolanos y el pastor, es un pastor venezolano, entonces como se nos hace más fácil la lengua, entonces uno corre hacia [...] porque he ido mucho em iglesia este brasilera, pero cuando estaba predicando no entiendo [...] hablan el portugués” (CbGII-Mulher).

Os demais entrevistados, a citar: o homem da CbGII, o homem e a mulher da CaGI, o homem e a mulher da CaGII e o homem e a mulher da CbGI, todos se dizem praticantes do catolicismo e também afirmam que nas igrejas que frequentam a língua oficial é a LP. Este dado indica que o espanhol tende a tornar-se a língua da celebração do culto ou da missa quando as igrejas são constituídas pelos próprios membros da comunidade imigrante." Quando são constituídas igrejas pelos próprios membros da comunidade imigrante, é que o espanhol se torna a língua da celebração do culto/missa. Este é um fato que podemos associar ao que Skutnabb-Kangas (2019), chama de *linguicídio*.

Considerando que a imigração venezuelana no Brasil teve um aumento considerável a partir de 2019, conforme dados no SISMIGRA, e os dados foram coletados em 2021/2022, é

possível que atualmente, em dezembro de 2025, já existam celebrações religiosas em línguas de imigração. Acreditamos que, no momento da coleta, não tenha sido por vontade do pároco, que a missa/culto seja unicamente em língua portuguesa, mas mais por ele não saber falar a língua do outro. Como os fiéis imigrantes ainda são uma minoria, comparada com os fiéis brasileiros, é lógico que a língua das pregações seja a língua oficial do Brasil, ou seja a LP.

Quadro 4: Pergunta 14: Você vai à igreja? Qual? Que língua é usada na igreja? O pastor fala a língua de vocês? Incentiva ou pede para falar o português? (Krug 2004).



Fonte: Filipini (2025)

Por outro lado, podemos perceber uma ação muito diferente dos processos migratórios de alemães e italianos ocorridos no século XIX, marcados pela ocupação territorial e pela necessidade de construção material e institucional a partir de condições precárias — incluindo moradia, infraestrutura, espaços religiosos, escolares e associativos —, a migração venezuelana contemporânea no Brasil se insere em um contexto histórico, político e urbano profundamente distinto. Atualmente, os imigrantes venezuelanos chegam a um país já institucionalmente estruturado, o que possibilita formas mais imediatas e flexíveis de organização coletiva, como o aluguel de espaços para encontros comunitários, religiosos ou associativos. Essa diferença não implica menor densidade identitária ou organizativa, mas revela um modelo de inserção baseado menos na fundação territorial e mais na ocupação funcional de espaços existentes, favorecendo processos de integração social imediata que podem acelerar o processo de substituição linguística. Podemos dizer que as questões linguísticas são bem diferenciadas daquela época, para a atual, pois hoje temos uma migração urbana, enquanto que naquela época era uma migração rural, de povoamento de regiões distantes dos centros maiores conforme Dreher (2004).

Seguimos para a análise da Pergunta 15, Quadro 5: “Você tem filhos? Quantos? Que língua costuma falar com eles?” Os participantes da CbGII, da CaGII e a mulher da CbGI,

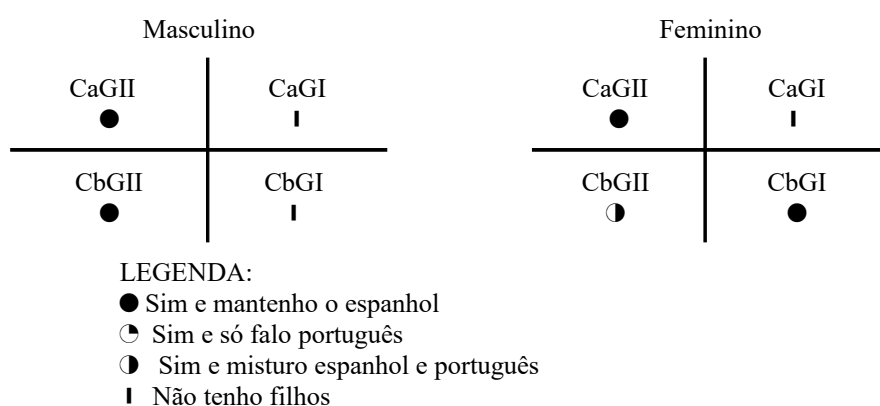
responderam ter filhos. Apenas o participante Homem da CbGI e os participantes da CaGI, informaram não ter filhos. Quanto ao uso da língua, todos ainda falam o espanhol com os filhos e os que ainda não têm filhos, concordam em repassar o espanhol quando tiverem. Porém pretendem manter as duas línguas. Como mostra na resposta.

“Prácticamente tendría que ser los dos, tiene que se familiarizarse con los dos idiomas, un poco de uno y un poco del outro” (CaGI-Mulher).

“va ser algo confuso para él” (CaGI-Homem).

“Si, aquí em Brasil [...] los que están aquí hablo español y as veces así, el português como te digo, 30% português y 70% el español” (CbGII-Homem).

Quadro 5: Pergunta 15. Que língua costuma falar com os filhos?



Fonte: Filipini (2025)

Na pergunta seguinte, “Você pretende manter o espanhol com seus filhos? A maioria dos entrevistados respondeu que pretende manter o espanhol, alegando uma melhor comunicação com seus familiares. Vale observar que todos se manifestam a favor de manter o espanhol, mas também de aprender os dois idiomas ou mais.

“Si, me gusta mucho que tenga mi idioma, pero también quiero que aprendan el português, outros idiomas porque le va servir a ellos más adelante, nunca pensamos salir de nuestro país hacia outro rumbo [...] nosotros llegó a estar aquí, em mi país nunca cedió hablar este idioma y cuando llegamos aquí que la gente nos habló fue algo así [...] nosotros no sabía ni qué decían” (CbGI-Mulher).

A participante da CbGI também pretende manter o espanhol com seus filhos e, ao mesmo tempo, incentivá-los a aprender outras línguas que possam servir para o futuro deles. Ela relata ainda que, apesar de nunca ter pensado em sair de seu país, quando chegaram aqui não conseguiam entender a língua local. Podemos observar que aprender a LP tornou-se algo crucial, uma verdadeira necessidade para a sobrevivência deles aqui no Brasil. Dessa forma, a

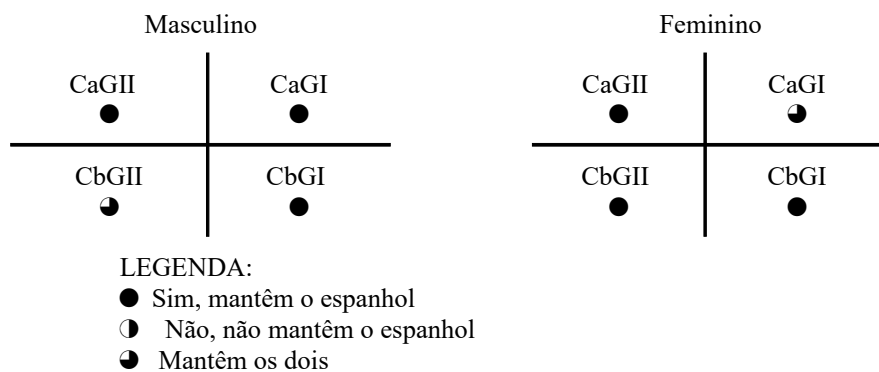
manutenção do espanhol, em um meio majoritariamente português, está se tornando, aos poucos, um ato de resistência, como podemos ver na fala de CaGII-Homem.

“Ellos están grandecito [...] mantenemos el español, pero frecuentemente hay algunas palabras que siempre buscamos corregir si estamos pronunciando algo errado, entonces le preguntamos cómo se pronuncia tal cosa y entonces hablamos en essa correcciones de broma em português, pero si tenemos nieto que ya es outra cosa [...] tendrán que hablar el portugués, brasilero y algunas palabras le vamos enseñar que también español, para que el tenga dos idiomas naturales, sería buenísimo porque, sería más fluido para él, entender cosas después, o aprender outro idioma” (CaGII-Homem).

A partir desse comentário é possível perceber que há um esforço em manter o espanhol com seus netos e que seria interessante se dominassem as duas línguas, mas “terão que falar português”. Esse cenário indica uma redução do uso do espanhol em detrimento do português, principalmente entre os mais jovens, possivelmente porque estão inseridos em escolas cuja língua oficial é o português.

No quadro abaixo, podemos ver como está o repasse da língua espanhola entre pais e filhos, a partir dos dados obtidos em nossa amostra.

Quadro 6: 16. a) Você pretende manter o espanhol com eles (filhos)?



Fonte: Filipini (2025)

A partir do quadro 6, podemos observar que nenhum dos entrevistados optou por não transmitir a língua espanhola aos filhos. Contudo, foi possível perceber, que o meio majoritariamente português os leva a sentir a necessidade de dominar e utilizar o português. Esse contexto contribui para que parte dos entrevistados decida manter as duas línguas.

Com o intuito de analisar o grau de Code Switching e Code Mixing, (Frizzo, Krug e Horst , 2021), podemos perceber a partir da pergunta 35, do quadro 7: “Quando falam em português acabam misturando com outra língua, o que misturam e porquê?”, que todos os

participantes confirmam realizar algum tipo de mistura linguística. Esta mistura ocorre principalmente quando entram em contato com não-falantes de espanhol, como, por exemplo, em lugares públicos, hospitais, mercados e nas ruas, conforme podemos acompanhar nos recortes de fala abaixo.

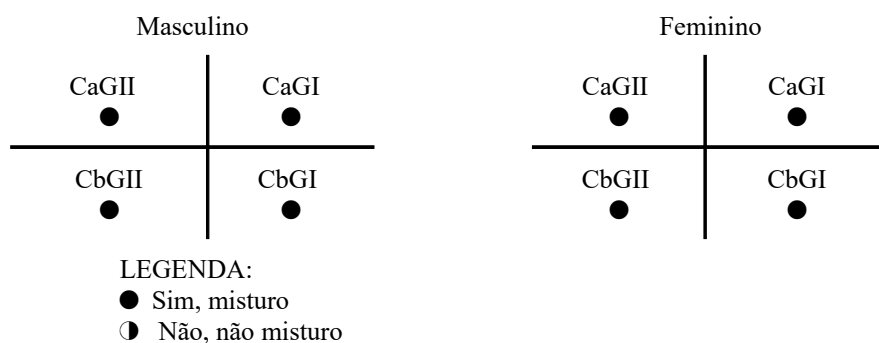
“em la calle, em los autobuses, em los supermercados, al llegar al trabajo porque, la gente de portería de ahí [...] habla portugués, casi el día completo” (CbGII-Homem).

“cuando tengo que expresarme em cualquier situación de mi trabajo, em respecto al colegio de mais hijos” (CbGI-Mulher).

“si, a veces, [...] hay palabras que no hayas como decirle y se te sale un español por lo fluído [...], suelta em español” (CaGII-Homem).

Vejamos como isso se dá no quadro 7.

Quadro 7: Pergunta: 35. Quando fala português, você mistura com outra língua? Se sim, o que você mistura e por quê?



Fonte: Filipini (2025)

Essa mistura de tal fenômeno está amplamente documentada em situações de imigração e bilinguismo, nas quais o contato entre línguas favorece alternâncias e combinações estruturais. Thun (2010), chega a falar em complexos variacionais linguísticos, isto é, espaços multilíngues em que duas ou mais línguas convivem entre si e se influenciam mutuamente.

A partir da pergunta 44, do quadro 8: “Você(s) acha(m) que os falantes que só falam português têm inveja dos que falam mais de uma língua? Por quê?”, podemos perceber que nenhum informante reconheceu inveja por parte dos brasileiros por não saberem falar espanhol.

Quadro 8: Pergunta: 44. Você(s) acha(m) que os falantes que só falam português têm inveja dos que falam mais de uma língua? Por quê? (só para informantes bilíngues) (Margotti, 2004).

Masculino	0	Feminino
CaGII 	2	CaGII
CbGII ●		CbGII
CbGI 		CbGI

LEGENDA:
 ● Não, não tem inveja
 ○ Sim, têm inveja
 | Não soube responder

Fonte: Filipini (2025)

A maioria não soube opinar a respeito, como podemos ver no quadro 8. Somente o entrevistado da CbGII disse que o brasileiro não sente inveja, pois assim como temos português para estrangeiros, eles podem ter espanhol para brasileiros, ou seja, ele pode aprender o espanhol e lamenta que não há o espanhol na grade curricular de todas as escolas.

Uma sugestão de estudo futuro seria daqui a alguns anos repetir estas perguntas aos mesmos participantes e ver o que aconteceu e se ainda mantém o espanhol paralelo ao português.

4. Conclusão

O presente trabalho teve como tema o contato linguístico português/espanhol dos imigrantes venezuelanos em Chapecó-SC e possíveis indícios de manutenção e substituição linguística a partir de atitudes e crenças. A partir disso, o objetivo geral que visava “descrever o contato linguístico português/espanhol a partir das crenças e atitudes de imigrantes venezuelanos em Chapecó, SC”, foi atingido por meio de nossos objetivos específicos, conforme descrevemos abaixo, e podemos afirmar, de modo geral, que os imigrantes venezuelanos entrevistados ainda preservam sua cultura e língua.

O primeiro objetivo específico, “Identificar por meio de questões selecionadas do questionário de Oviedo (2023) as crenças e as atitudes dos venezuelanos em relação ao português e ao espanhol”, mostrou que os participantes da pesquisa inseridos em ambientes laborais acreditam que necessitam aprender o português e "abandonar" um pouco o espanhol

para não ter dificuldades nas interações e não fazer "confusão" entre as línguas em função de sua semelhança linguística. No entanto, eles também acreditam e agem fomentando o aprendizado das duas línguas, sem prever prejuízos decorrentes desse bilinguismo.

Além disso, emergiu o sentimento de pertencimento ao país de acolhimento, o Brasil. Após o processo migratório marcado pelo sofrimento da saída do país natal (Venezuela) e pela experiência de acolhimento em Chapecó-SC, muitos participantes desenvolveram vínculos afetivos com os brasileiros e a língua portuguesa. Esses vínculos, entretanto, não implicam o abandono do espanhol, mas revelam um bilinguismo funcional e identitário, no qual as línguas coexistem como marcadores de integração social e de preservação das raízes culturais.

O segundo objetivo específico, “Descrever as crenças e atitudes dos participantes a partir das dimensões diageracional (GII e GI), diassexual (homem e mulher), e diastrática (Ca e Cb)”, se conecta ao terceiro objetivo específico, “Apresentar e discutir, com base nas análises, os resultados obtidos em nossa pesquisa”, em que os nossos dados indicam uma relativa igualdade quanto ao uso do espanhol entre os participantes entrevistados. Contudo, observa-se que a maior frequência de uso da língua espanhola se concentra no domínio familiar, uma vez que a interação em espanhol torna-se limitada em contextos nos quais o interlocutor é monolíngue em português. Tal distribuição funcional das línguas confirma o que a Sociolinguística Variacionista já aponta acerca da adequação linguística aos contextos de uso e aos interlocutores (Labov, 2008). Nesse sentido, no que se refere à variável diageracional (GII e GI), a geração mais velha se destaca na manutenção do espanhol, com maior vitalidade linguística observada nos grupos da CaGII para a CbGII e da CbGI para a CaGI, evidenciando um processo de mudança em progresso, no qual as gerações mais jovens tendem a ampliar o uso da língua portuguesa. Esse comportamento está em consonância com os estudos de Labov (2008), que demonstram que a idade é um fator central na compreensão dos processos de estabilidade e mudança linguística.

A variável diassexual (homem e mulher) também se mostrou relevante, uma vez que as mulheres, em partes, apresentam um comportamento linguístico mais conservador,

favorecendo a manutenção do espanhol, enquanto os homens demonstram maior adesão à língua portuguesa em função da inserção no mercado de trabalho. Tal padrão confirma a tendência observada por Labov (2008), segundo a qual as mulheres, em situações de mudança linguística estável, tendem a conservar formas associadas ao grupo de origem, enquanto os homens frequentemente lideram processos de acomodação linguística.

No que se refere à dimensão diastrática (Ca e Cb), os entrevistados da classe socioculturalmente alta (Ca) se posicionam em favor da manutenção do espanhol com mais firmeza, enquanto a Cb tende a se adequar ao português em função de necessidade em garantir um emprego. Nessa variável fica evidente que a Cb precisa utilizar a língua portuguesa para facilitar a inserção econômica, enquanto a Ca se sobressai, em geral, por causa do maior nível de formação acadêmica.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para o avanço dos estudos sobre contato linguístico, ao focalizar o espanhol como língua de imigração em contato com o português na cidade de Chapecó, e que os resultados obtidos possam fomentar e subsidiar investigações futuras em diferentes contextos e comunidades linguísticas.

Referências

BAGNO, Marcos. Preconceito Lingüístico: o que é e como se faz. 34. ed.; São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BERNIERI, Simone Raquel. Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Curso de Pós-Programa em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

DREHER, Martin Norberto. Diferenciais e compromissos da educação confessional luterana no contexto brasileiro. Lições: Revista de Ensino e Pesquisa, São Leopoldo, v. XIX, n.17, 2004, p. 10-21.

FRIZZO, Celina Eliane; KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane. Code-switching na comunidade kaingang da terra indígena guarita. Revista Interfaces, v. 12, 2021, p. 232-241.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Desafios de uma educação plurilinguística em um

país que se diz monolíngue: um estudo de caso. *Revista Linguagem & Ensino*, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 1274-1296, 6 nov. 2020. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/rle.v23i4.189>. Acesso em: 30 nov. 2025.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Atlas das línguas em contato na fronteira. Editora UFFS, e-Books, 2021, p. 85–101.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na Sociolinguística: Aspectos Teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). *Os Contatos Linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011, p. 121-156.

KRUG, Marcelo Jacó. Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS. 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Curso Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008.

MATOZO, Drieli Laiza. Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian: contexto urbano e rural de Chapecó – SC. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2018.

MARGOTTI, Felício Wessling. Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS. 2004.

OVIEDO, Liliana Isabela Benitez. A imigração recente de venezuelanos e haitianos em Chapecó: suas crenças e atitudes linguísticas. 2023. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

ROMAINE, Suzanne. Introduction to the Study of Bilingualism. In: ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Brazil Blackwell, 1995 [1989].

SISMIGRA <https://servicos.dpf.gov.br/sismigra-internet/home.seam> . Acesso em: 12 dezembro de 2025

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Direitos humanos linguísticos na educação para a manutenção da língua. *Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 25–39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27660>. Acesso em: 10 maio. 2025.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica: los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (org.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Tübingen: Westensee-Verlag, 1996. p. 210-274.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del

Atlas Lingüístico Diatopico y Diastratico del Uruguay). In: RUFFINO, Giovanni (Org.). International congress of romance linguistics and philology (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. v. 5. Tübingen: Niemeyer, p. 701-729, 1998.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds). Language mapping. Berlin: de Gruyter Mouton. 2010, p. 506-523.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas, v.5, n.1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rfdp.v5i1.15002>. Acesso em 30 nov. 2025.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo investigar el contacto lingüístico portugués–español entre inmigrantes venezolanos en Chapecó (SC), así como identificar posibles indicios de mantenimiento y sustitución lingüística a partir de sus actitudes y creencias. En este contexto, se buscó responder a la siguiente pregunta de investigación: ¿En qué medida el contacto lingüístico portugués–español, asociado a prácticas de prejuicio lingüístico, afecta el mantenimiento de la lengua materna entre los inmigrantes venezolanos en Chapecó (SC)? Para responder a esta cuestión, el objetivo general consiste en describir el contacto lingüístico portugués–español a partir de las creencias y actitudes de los inmigrantes venezolanos residentes en Chapecó. Los objetivos específicos son: (1) identificar, por medio de preguntas seleccionadas de un cuestionario de Oviedo (2023), las creencias y actitudes de los venezolanos con respecto al portugués y al español; (2) describir las creencias y actitudes de los participantes a partir de las dimensiones diageracional, diasexual y diastrática; y (3) presentar y discutir, con base en los análisis realizados, los resultados obtenidos en la investigación. La metodología adoptada sigue el modelo teórico-metodológico de la Dialectología Pluridimensional y Relacional (Thun, 1996, 1998, 2010), también empleado por Oviedo (2023) en la recolección de datos lingüísticos en Chapecó. De dicho conjunto de datos se seleccionaron ocho preguntas para el presente análisis, con especial énfasis en las dimensiones diasexual (hombres y mujeres), diageracional (GII y GI) y diastrática (Ca y Cb). Los principales resultados indican que los inmigrantes venezolanos, especialmente la generación de mayor edad (GII) y las mujeres, tienden a mantener en mayor medida su lengua de origen, el español, mientras que los jóvenes (GI) y los hombres muestran una mayor adhesión al portugués. Las actitudes tanto de los brasileños —en este caso, los habitantes de Chapecó— como de los propios venezolanos dieron lugar a creencias construidas por ambas partes. Finalmente, este estudio busca contribuir a futuras investigaciones, abriendo camino a aportes lingüísticos y pedagógicos, especialmente orientados a la formación de profesionales capacitados para apoyar a los inmigrantes en procesos de integración social y cultural de manera más armoniosa.

Palabras clave: Actitudes y creencias; Contacto lingüístico y bilingüismo; Mantenimiento y sustitución lingüística; Inmigración venezolana.